



A lateralidade na música: influência da psicomotricidade no processo de ensino-aprendizagem do aluno canhoto de violão

Maicol Nunes Navarro Freitas¹

Juan Carlos Pereira Salgado²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância da educação psicomotora, ou psicomotricidade, nas aulas de violão, através da abordagem de um de seus aspectos, a lateralidade, no processo de ensino-aprendizagem, com foco no aluno canhoto. Abordamos o conceito de psicomotricidade, sua importância na área da educação e sua relação com a aprendizagem motora presente na prática do violão. Nesta perspectiva, buscamos destacar o papel da lateralidade, os problemas acarretados por má-lateralização e a suscetibilidade do aluno canhoto de violão a esse tipo de problema, justificada por um problema pessoal dessa ordem, de um dos autores. Por fim, apresentamos uma reflexão das nossas abordagens pedagógicas ao aluno canhoto, baseadas na investigação de sua lateralidade.

Palavras-chave: Lateralidade. Música. Psicomotricidade.

The laterality in music: influence of psychomotor skills in the teaching - learning the guitar left-handed student

Abstract: This article aims to reflect on the importance of psychomotor education or psychomotricity in the guitar classes through the approach of one of its aspects, laterality, in the process of teaching and learning, focusing on left-handed student. We address the concept of psychomotricity, its importance in education and its relation to motor learning this in practice the guitar. With this in mind, we seek to highlight the role of laterality, the problems posed by bad lateralization and the susceptibility of the guitar left-handed student to this type of problem, justified by a personal issue of this order, one of the authors. Finally, we made a reflection of our pedagogical approaches to left-handed students, based on research of their laterality.

Keywords: Laterality. Music. Psychomotricity

Introdução

A lateralidade é o reflexo do predomínio motor dos segmentos direito e esquerdo do esquema corporal (Negrine,1986). Nesse quesito, estatísticas apontam que os indivíduos canhotos compõem a minoria da população numa proporção inferior a 10% em relação aos destros. Porém, essa diferença acaba sendo bem maior, pois não é

¹ Mestrando em Educação Musical, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Escola de Música, maicolgt@gmail.com

² Mestrando em Educação Musical, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Escola de Música, CAPES, juansax18@hotmail.com

raro encontrar canhotos que acabam realizando diversas atividades como destros, por influência do meio onde vivem, adquirida em função de aspectos sociais, escolares e familiares. A estes casos identificamos de lateralidade socializada.

Na música, mais precisamente em instrumentos como o violão, a lateralidade pode ser percebida com clareza, através seu posicionamento em relação ao corpo, evidenciando o papel de cada uma das mãos no instrumento.



Figura 1: À esquerda temos Canhoto da Paraíba, violonista canhoto e à direita, o violonista Paulinho da Viola, *destro*.

Há inúmeros casos de violonistas canhotos que tocam da forma destra (exemplos de referências no meio musical: Baden Powell, Steve Morse, Kiko Loureiro, dentre muitos outros). Esse fato dá sustentação para o argumento usado por professores deste instrumento, de que não há problema algum em ser canhoto e tocar o violão como destro. Algumas justificativas usadas por professores para recomendarem o aprendizado do violão destro ao indivíduo canhoto são:

- O trabalho feito pelas mãos na forma canhota pode ser perfeitamente executado da forma destra.
- A possibilidade de compartilhar o mesmo instrumento com a grande maioria dos outros instrumentistas.
- A ínfima oferta de instrumentos direcionados aos canhotos nas lojas do ramo.
- A comparação com outros instrumentos, principalmente o piano, onde a diferença de lateralidade não fica evidenciada.



Compreendemos a força do argumento e das justificativas acima por serem fundamentados em experiências comprovadamente reais (como as dos músicos citados), além disso, reconhecemos nessas orientações a sincera intenção dos professores em ajudar os alunos iniciantes em sua vida musical e social. Porém, contestamos esse pensamento, a partir da identificação de casos onde a dominância motora (lateralidade) do instrumentista não foi devidamente respeitada em seu início, comprometendo drasticamente a sua performance e, com isso, acarretando uma série de problemas de ordem motora e mental. Dizemos que esses casos se referem a problemas de má-lateralização.

As causas desse tipo de problema que fomos identificando ao longo de nossa atuação como professores de música, além de particularmente vivenciado por um dos autores, encontraram a devida fundamentação teórica na psicomotricidade e, mais precisamente em um de seus aspectos estruturais, a lateralidade. A partir daí, o estudo dessa ciência – a psicomotricidade – nos revelou a sua fundamental importância para a educação dos dias de hoje, através de relevantes estudos, publicações e ações na área da educação física e educação escolar. A educação psicomotora já se faz presente nessas áreas, e podemos contextualizá-la também à educação musical, relacionando a música a um processo de aprendizagem motora. Essa conexão nos possibilitará justificar a relevância da lateralidade na práxis musical e nossa proposta de prevenção ao problema de má-lateralização no aprendizado do aluno canhoto de violão.

É objetivo fundamental desse artigo lançar luz sobre a necessidade de se investigar a lateralidade do aluno logo no início de seu aprendizado de violão, proporcionando a ele uma percepção clara sobre qual a forma de tocar que lhe cabe melhor, aquela em que possa ser aproveitado o máximo de sua potencialidade.

1. Revisitando conceitos

A Psicomotricidade, como ciência que estuda o desenvolvimento humano através da interação entre o movimento corporal e as aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas, tem sido de suma importância na formação ou no complemento da formação da criança nos dias de hoje.

A educação psicomotora, assim identificada como uma ação pedagógica indispensável ao desenvolvimento da criança, responde a uma dupla finalidade:



assegurar o desenvolvimento funcional, tendo em conta as possibilidades da criança, e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano. Na educação infantil, ela vai trabalhar o movimento da criança, o autoconhecimento através do corpo, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades motoras, criativas e a sociabilidade. A referida educação psicomotora encontra sua principal inserção na educação física.

Acreditamos que a Educação Física deve cumprir dois objetivos fundamentais na escola. Primeiramente, na pré-escola e nas séries iniciais, busca proporcionar o desenvolvimento das potencialidades da criança e, conseqüentemente, auxiliar outras aprendizagens, sendo o que podemos denominar de educação psicomotora (NEGRINE, 1986. p. 16).

Nesse contexto, a lateralidade remete à prevalência motora de um lado do corpo, seja ela das mãos (manual), dos pés (pedal), mas também ocular. Segundo Airton Negrine (1986), observa-se na literatura uma tendência dos autores em fazer uma diferenciação entre lateralidade inata e lateralidade socializada. A primeira se refere à dominância de ordem biológica e, a segunda, à adquirida por influência do meio. Voltamos ao caso dos violonistas canhotos que “viraram” destros e percebemos aí, exemplos de lateralidade socializada.

O desenvolvimento psicomotor requer o auxílio constante do professor por meio de estímulos, portanto, não é um trabalho exclusivo do professor de educação física, mas de todos os profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

2. *Relato de experiência*

O grande motivador do presente artigo se refere à experiência de má-lateralização de um dos autores que, apesar de canhoto, iniciou os estudos como destro, tendo convivido, por anos, com sérias limitações motoras, que foram se convertendo em danos físicos e psicológicos. A inversão da posição do violão da forma destra para canhota conforme a dominância de origem, ocorrida quase que por acidente, revelou uma condição motora muito mais favorável, com movimentos mais leves e fluidos, fatores que motivaram um árduo trabalho de reaprendizado do violão, agora da forma canhota, após quase nove anos desde o início como destro. Os positivos resultados obtidos com essa nova abordagem revelaram que o problema enfrentado durante todos



aqueles anos poderia ter sido evitado, caso a lateralidade tivesse sido “respeitada” logo no início do aprendizado. Isso provocou a reflexão sobre a importância da lateralidade no aprendizado de violão, principal temática deste trabalho. Neste contexto, o relato de experiência que se segue remete à experiência pessoal de Maicol Freitas que transcrevemos neste capítulo:

A primeira vez que me confrontei com a ideia de ser canhoto tinha uns 6 anos de idade, aproximadamente. Era o início da minha vida escolar e me lembro de ter ficado confuso sobre qual mão pegaria no lápis para escrever. Optei pela mão esquerda. Não me recordo, todavia, ter sofrido qualquer pressão nessa decisão. Mais tarde (bem mais tarde), com 15 anos de idade, iniciei o estudo de violão e recordo que o primeiro dia de aula se deu sem qualquer intercorrência, com o professor abordando aspectos básicos do aprendizado, porém sem qualquer questionamento que fizesse referência à lateralidade no violão. Iniciamos, portanto, os estudos da forma destra. Por dificuldades financeiras, abandonei as aulas logo após o primeiro mês, passando a estudar violão sozinho. Iniciei o aprendizado de guitarra, oito meses depois. Neste contexto, me deparei com dificuldades como segurar a palheta na mão direita e a técnica de palhetada, que associei à dificuldade inerente do aprendizado de um novo instrumento, por isso não refleti profundamente sobre essa questão da adequação do instrumento à minha realidade. Além disso, eu não tinha o hábito de compartilhar essas dificuldades com o professor de guitarra, durante o curto período em que tive aulas (uns 6 meses, aproximadamente). Passei a estudar sozinho, utilizando orientações de revistas especializadas e também vídeo-aulas de guitarra. Raramente fazia alguma aula com professor.

O meu primeiro questionamento sobre a problemática, ou não, de ser canhoto e tocar como destro ocorreu no ano de 1997, ao ler um fórum de perguntas e respostas de uma revista especializada em guitarra. Nesse fórum, um leitor que dizia tocar guitarra há dois anos (mesmo tempo que eu, na época), relatou a grande dificuldade em tocar algumas músicas, e perguntou se deveria atribuir o problema ao fato de ser canhoto e tocar guitarra como destro. A resposta dada por um renomado guitarrista brasileiro, colunista da revista, foi a de que o seu caso e o do leitor eram iguais, ou seja, também era canhoto e tocava como destro. Segundo

o colunista, a razão para ele ter aprendido daquela forma, era o fato de ter que dividir o mesmo violão com a irmã, que era destra, no início do aprendizado. Disse também que o fato de tocar como destro nunca atrapalhou o seu desenvolvimento, e atribuiu a dificuldade do leitor, provavelmente ao pouco estudo do instrumento.

Ao ler isso, entendi que as dificuldades que enfrentava poderiam ser sanadas com uma carga cada vez maior de estudo. Foram 6 anos de intenso estudo, convivendo com o problemas como: segurar a palheta na mão direita, palhetar as notas de uma escala ou um acorde, fazer qualquer movimento rítmico. Fiz várias mudanças na forma de palhetar, tentando imitar o movimento dos guitarristas que conhecia em busca de uma forma ideal, que me possibilitasse um movimento confortável.

Em agosto de 2003, por acidente, inverti a posição da guitarra, colocando a palheta, na mão esquerda. Ao iniciar o movimento, fiquei perplexo, pois, nunca havia palhetado com tamanha fluidez. Lembro-me que, no dia seguinte teria a primeira consulta médica com uma fisioterapeuta pertencente a uma junta médica de especialistas em saúde do músico. Fui à consulta e relatei a ela o meu caso, e o ocorrido da noite anterior. Logo, iniciamos um tratamento, primeiramente experimentando algumas alternativas para solucionar o problema do incômodo em palhetar, como por exemplo, alterações na estrutura da palheta para aumentar a área de contato com os dedos e assim, diminuir a tensão aplicada ao segurá-la. Com o insucesso das tentativas após algumas seções, optamos pelo reaprendizado, com o aval da referida junta médica, garantindo que do ponto de vista neurológico, não haveria dano algum.

Para isso, minha primeira ação foi inverter as cordas do meu violão e de uma das minhas guitarras. Julguei esse procedimento necessário, porque, ao inverter a posição do violão e também as cordas, teremos uma abordagem correspondente ao espelho da outra, o que, na minha opinião, facilitaria a readaptação.



Figura 2 - Abordagem espelhada



Meu percurso, logo no início, do reaprendizado foi tranquilo, de forma natural, pois conhecia bem as habilidades que precisava readquirir. E estava preparado mentalmente para lidar com diversas dificuldades inerentes ao início da prática de um instrumento como o violão ou a guitarra. Por isso, acreditava que o reaprendizado se daria de forma muito mais rápida.

Porém, foi somente no primeiro semestre de 2009, quase 6 anos após o início da readaptação, que assumi, definitivamente e exclusivamente, a abordagem canhota do violão e guitarra. Esse período tão longo contrariou totalmente, as minhas expectativas iniciais. E inúmeras foram as razões.

*Apesar da mente compreender bem o processo de aprendizagem, havia me esquecido de que o **corpo** deveria entendê-lo também. E, para que isso se desse conforme a minha expectativa, o suficiente para atender às minhas demandas daquela época, seria necessário um período muito maior de aprendizagem motora, do que eu considerava no momento.*

Além disso, as demandas relacionadas ao meu trabalho, seja nas bandas onde tocava, ou na atuação como professor de violão, deixaram-me atrelado à forma destra, pois essa ainda era a forma com a qual eu atendia a essas demandas. Isso acabou se tornando uma dependência da forma destra, que retardou consideravelmente o meu processo de reaprendizado da forma canhota, pois não me permitia destinar atenção integral a esta abordagem.

Essa dependência acabou comprometendo minha segurança e a autoconfiança, quesitos estes, que considero indispensáveis ao músico. Durante esse período, de 2003 a 2009, que identifico como período de transição em que atuava com os dois instrumentos, foram muitos os casos em que, com receio de não conseguir tocar tal trecho com a esquerda, optei pela forma destra. Além disso, diversas foram as situações em que, ao usar a abordagem canhota para trechos de muita simplicidade ou muita responsabilidade, não conseguia executá-los corretamente. Esses erros geravam enorme frustração porque, além de não estar mais acostumado a cometê-los e a tolerá-los, isso gerava a desconfiança das pessoas que tocavam juntamente comigo, e de quem assistia também. Eu estava vivendo esses fracassos novamente, porém, em contextos mais exigentes, e com uma tolerância muito menor. Por diversas vezes, nesse processo, não correspondi às expectativas, provocando profunda tristeza, e colocando em xeque o meu trabalho e



minha musicalidade. Em 2007, tive sérios problemas dessa ordem ao entrar em uma banda profissional, chegando quase a ser dispensado. Porém, com muito trabalho e responsabilidade, consegui permanecer nessa banda, durante 7 anos.

Um fato curioso ocorreu no final 2008, quando prestei o vestibular para o curso de Licenciatura/Música, na UFMG. Uma das provas consistia em elaborar 6 arranjos baseados em músicas populares previamente determinadas. Na ocasião, mesmo após 5 anos desde o reinício como canhoto, optei por elaborá-los e executá-los como destro. E, por 2 meses, retornei à exclusividade na abordagem destra no violão, até que pudesse compor os arranjos e tocá-los na prova, mesmo com inúmeras dificuldades inerentes a essa forma e também pela perda parcial de diversas habilidades, por falta de estudo como destro, nos anos anteriores.

Em 2009, já dentro da UFMG, fui encorajado por um grande amigo, a seguir definitivamente tocando como canhoto. Assim o fiz, decidindo enfrentar os obstáculos como a falta de autoconfiança, a dependência criada pela forma destra, além das frustrações iminentes. Durante esse período, cursei várias disciplinas (além das do meu curso) referentes ao bacharelado em Música Popular. Passei por diversas avaliações de performance, sendo que, em algumas delas o resultado foi muito abaixo do que esperado. Mesmo assim, sempre fui encorajado a continuar.

Nos anos de 2010 e 2011, reiniciei o tratamento médicos com o mesmo grupo de saúde do músico, de 2003, para tratar sequelas físicas causadas pela prática excessiva no período como destro, através de terapias, exercícios envolvendo alongamentos, massagens, e técnicas para o conhecimento do próprio corpo, em benefício da aprendizagem musical. Os benefícios desse tratamento são perceptíveis até hoje.

Atualmente, sinto-me muito mais à vontade, na performance instrumental, do que nos anos anteriores, porém percebo que o processo de readaptação está e sempre estará acontecendo. A autoconfiança vem crescendo a cada dia, refletindo-se em minha prática como guitarrista e violonista.

Do ponto de vista da minha atuação como professor de instrumento ou professor de percepção musical, notei que toda essa experiência proporcionou uma visão mais ampla dos processos de aprendizagem, devido à repetição de todo o processo, ocorrido de forma mais consciente.



Como professor de violão, tive minha primeira experiência com um aluno canhoto, no ano de 2012. Ele tinha 11 anos, aproximadamente, e já havia iniciado o aprendizado como canhoto, porém, sem inverter as cordas do instrumento. Isso significa que o aluno utilizava um instrumento apropriado para destro (no caso, o violão do seu pai, que é músico) e o virava, diretamente, para a abordagem canhota, sem mudar as cordas do instrumento de posição, numa abordagem diferente daquela que optei por utilizar – abordagem espelhada. O pai relatou a preocupação com a forma utilizada pelo filho para tocar o violão, e disse que me procurou porque sabia do problema ocorrido comigo.

Conversando com o garoto, e depois o vendo tocar, percebi que ele estava muito à vontade e muito seguro, consigo mesmo e com sua forma de abordar o violão e fazer música. Percebi que aquela forma de tocar o violão era natural para ele. Mesmo assim, apresentei a ele as outras duas formas, a que eu tocava – forma canhota espelhada – e a forma destra. Esta última foi descartada por ele, logo no início. Conversamos então, sobre a forma que eu usava. Expliquei para ele as razões de ter escolhido aquela forma e as facilidades que ela trazia para mim. Chegamos a filmá-lo tocando com as duas abordagens. No final, ele optou por continuar com sua forma de origem. Nas aulas seguintes, continuei verificando como ele se sentia, se tudo estava correndo bem. Percebi que sim.

A segunda experiência ocorreu em fevereiro de 2015, com um aluno iniciante de guitarra, com idade de 15 anos, em uma das instituições que trabalho. Após me dizer que era canhoto, apresentei os dois instrumentos a ele, a minha guitarra (canhota) e uma guitarra destra, da escola. Propus a ele que experimentasse movimentos elementares com a palheta, em ambas as formas, e que me relatasse aquela de sua preferência. Também filmamos sua prática e assistimos, na sequência. A opção dele também foi pela forma canhota.

Procurei também, nas aulas seguintes, saber com ele se estava se sentindo confortável com essa forma. Atualmente, continuamos tendo nossas aulas e, de vez em quando, falamos sobre o seu canhotismo. Em uma das oportunidades ele relatou que chegou a pegar uma guitarra destra de um amigo, mas não se sentiu à vontade, e que prefere mesmo a de canhoto.

A terceira experiência, e mais incomum, deu-se no primeiro semestre de 2013, quando comecei trabalhar na instituição referida anteriormente. Entrei na



vaga deixada pelo antigo professor de guitarra, e comecei a dar aulas para os seus alunos. Um desses alunos é um garoto, na época com 12 anos, aluno de guitarra, e destro. À medida em que fomos tendo as aulas pude notar uma imensa dificuldade que ele tinha em executar os exercícios que eu propunha, principalmente aqueles envolvendo a técnica de palhetada. Após 2 anos não houve grandes progressos em sua performance, mesmo que fosse perceptível um grande esforço da sua parte em executar as atividades propostas. Um dia, numa conversa, ele me revelou que, na verdade era canhoto, e não destro. Aquele fato despertou em mim a desconfiança de que os problemas, na verdade, eram de má-lateralização. Propus então, que ele tocasse um pouco em minha guitarra, executando os exercícios que já havia aplicado nos dois casos anteriores. Percebemos, imediatamente, que os movimentos com a palheta na mão esquerda eram muito mais eficientes do que na mão direita.

Sabendo das implicações daquele fato, propus que continuássemos a experimentar a forma canhota, informalmente, utilizando uma parte da aula. Disse a ele também que não haveria pressão alguma e que, se quisesse, interromperíamos os testes e continuaríamos da forma destra, como era antes. Os resultados foram tão animadores para nós, que, na semana seguinte, conversei com sua mãe, para explicar a relação do caso do seu filho com o meu problema de má-lateralização. Ela me revelou que, desde muito novo, havia uma influência para que o filho usasse a mão direita em suas atividades cotidianas, mesmo sendo canhoto, e que com o aprendizado da guitarra, ocorreu da mesma forma. Disse também que, confiava muito no meu parecer, e que poderíamos inverter a guitarra, e suas cordas, para iniciarmos a aprendizagem, ou melhor, o processo de reaprendizagem. Esse processo se iniciou em abril de 2015, com resultados que nos mostraram que o grande problema que afligia o aluno era, de fato, a má-lateralização.

Hoje em dia, ele consegue palhetar com muito mais precisão e leveza, utilizando a mão esquerda. Com a mão direita, ele consegue executar os acordes com ótima sonoridade.

3. Reflexões finais

Num espaço didático, particularmente no ensino-aprendizagem de um instrumento, conhecer e investigar sobre a lateralidade de um aluno torna-se



fundamental para um processo adequado à realidade e contexto de um aluno. Numa abordagem simples, de caráter elementar, aplicável a partir do primeiro momento da primeira aula de instrumento, com a investigação sobre a lateralidade do aluno, salientamos a necessidade de disponibilizar dois tipos de instrumentos (um apropriado para o destro e outro para canhoto) que possa ser usado em caso de necessidade ou dúvidas no processo de ensino.

No caso de um aluno destro, optar por um aprendizado de uma mesma forma parece ser um procedimento natural e simples, pelo fato da nossa reflexão ser pautada na lateralidade e na prevenção dos problemas de má-lateralização. Quando o aluno é canhoto, o trabalho conjunto de testar, experimentar, comparar diferentes tipos de instrumentos e abordagens para investigar em qual ele se sente mais à vontade, deve ser incorporado nas estratégias educativas. A proposta de realização de exercícios como dedilhados simples, palhetadas em uma corda somente, em cordas alternadas, entre tantos outros, bem como filmar essas práticas, ajudam a aprimorar o parâmetro de observação. Assim, após a tomada de decisão sobre uma adequada opção para o aluno, é possível iniciar um percurso didático em conjunto com o aluno e em constante reflexão, a fim de reduzir as dificuldades agravadas pelas dúvidas que naturalmente se colocam num natural processo de aprendizagem.

Até o presente momento, foi possível analisar três realidades diferentes de alunos canhotos e, em todos os casos, após feita a investigação de lateralidade que consistiu na aplicação condutas descritas acima, esses alunos, optaram pela abordagem canhota do violão. Atualmente, estes três alunos demonstram estarem satisfeitos com sua forma de tocar e, quando eles se apresentam tocando é perceptível que estão plenos de suas capacidades e potencialidades.

A abordagem da lateralidade nas aulas de violão é uma conduta simples e tem se revelado um elemento agregador à qualidade do processo de ensino aprendizagem instrumental musical. Entendemos que, além do violão, outros instrumentos de corda, com características similares, tais como, a guitarra, o cavaquinho, o bandolim, a viola caipira, o banjo, o contrabaixo elétrico e a craviola, entre muitos outros, sejam suscetíveis aos mesmos efeitos da lateralidade, e por isso devam receber a mesma atenção dos professores no processo de ensino-aprendizagem.

Referências



- Bezerra, L. (2014). *Psicomotricidade: A Importância De Trabalhar a Lateralidade Na Educação Física Escolar*. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Retrieved from [http://www.repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4575/1/Leonardo Henrique Alves Bezerra.pdf](http://www.repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4575/1/Leonardo%20Henrique%20Alves%20Bezerra.pdf)
- Negrine, A. (1986). *Educação Psicomotora: A Lateralidade e a Orientação Espacial* (1st ed.). Porto Alegre - RS: Pallotti.
- Pacher, L., & Fisher, J. (2003). Lateralidade e Educação Física. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 7, 1–9. Retrieved from <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-09>
- Serafin, G., Peres, L., & Corseuil, H. (2000). Lateralidade: Conhecimentos Básicos e Fatores De Dominância Em Escolares de 7 a 10 Anos. *Caderno de Educação Física E Esporte - UNIOESTE*, 2(1), 11–30. Retrieved from <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/1833>